28º seminário de INVERNO
2 a 6 de junho • 2025
Quatro décadas de formação superior em Jornalismo nos Campos Gerais

Fahrenheit 451 e o conceito da desinformação[1]

Alessandro de Melo[2]
Gisele Maciel[3]
Lorenzo Johann Teleginski Nigelski[4]

UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo: A desinformação é algo recorrente na sociedade, por isso, é importante debater sobre e como ela permeia os diversos espaços. Este trabalho tem por objetivo abordar a desinformação ligando-a a distopia *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, escrita em 1953 e relacionando-a com a contemporaneidade, na qual esta problemática assola o mundo e que vem crescendo com o advento das redes sociais. Possui uma metodologia baseada em referencial bibliográfico, como Wardle (2017), Brisola e Bezerra (2018), Silva, Zattar e Costa (2022), Roas (2014) e outros. Além disso, foram consultados documentos oficiais, como a Lei de Acesso à Informação (Brasil, 2011), que embasam a discussão sobre o direito à informação e o papel do Estado na sua garantia.

Palavras-chave: Desinformação; *Fahrenheit 451*; Controle de Mídia; Fake News.

Introdução

Ao longo dos anos, a informação tornou-se cada vez mais acessível devido ao avanço tecnológico, no entanto em meio à avalanche informacional, adiciona-se uma quantidade imensa de desinformação, já que os ambientes virtuais não são necessariamente regulados ou passíveis de controle eficaz até o momento. Há, ainda, processos de desigualdade informacional, devido à condição de classe em uma sociedade desigual.

O direito à informação é garantido legalmente no Brasil, conforme estabelece a Lei Federal n° 12.527/2011 — a Lei de Acesso à Informação (LAI). O Art. 5º afirma que: "É

[1] Artigo completo apresentado no 28º Seminário de Inverno, realizado entre 2 e 6 de junho de 2025, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
[2] Doutor em Educação. Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenador do Projeto Propostas Didáticas de Combate à Desinformação em escolas públicas do município de Teixeira Soares-PR, contemplado no Programa Universidade Sem Fronteiras. E-mail: alessandrodemelo@uepg.br.
[3] Licenciada em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: macielgisele1812@gmail.com.
[4] Licenciado em Letras Português/Inglês e graduando em Bacharelado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: lorenzojohannteleginski@gmail.com.

dever do Estado garantir o direito de acesso à informação [...] de forma transparente, clara e em linguagem de fácil compreensão" (Brasil, 2011). Ainda na mesma Lei, podemos ler no Art. 12 que "O serviço de busca e de fornecimento de informação é gratuito" (Brasil, 2011).

No entanto, essa circulação ampliada de dados também favorece a propagação da desinformação, representando uma ameaça séria, com potencial de gerar desde prejuízos simples até consequências fatais, inclusive ameaçando as formas democráticas de sociabilidade.

Essa temática também é explorada em obras de ficção, principalmente as que ilustram os impactos da desinformação em uma sociedade imaginária, seguindo uma longa tradição das utopias e distopias. Diante disto, traz-se para a discussão a obra distópica *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e como ela dialoga com dois grandes problemas da atualidade, a desinformação e a *fake News*, bem como o impacto da ausência do dialógico-crítico-reflexivo na sociedade e uma cultura midiática que opera como retroalimentação de retirada do pensamento questionador nas pessoas.

Os problemas da desinformação

A desinformação tornou-se um termo amplamente conhecido nos últimos anos, intensificada pelo volume de informações circuladas por meio das tecnologias de informação e comunicação. Trata-se de um tipo específico de informação falsa, cujo objetivo é causar danos deliberados, sendo disseminada por agentes conscientes de sua falsidade, com motivações políticas, financeiras, sociais ou psicológicas (Wardle, 2017).

A disseminação de informações falsas, que antes era limitada por canais de comunicação mais lentos, tornou-se hoje um problema de grandes proporções devido à velocidade e ao alcance da internet. Isso tem gerado sérios danos à sociedade, como a descredibilização da ciência, linchamentos, abalos democráticos e até guerras. Por tanto, adquiriu novos contornos e maior impacto no contexto digital contemporâneo, sendo um desafio urgente para a sociedade global.

Brisola e Bezerra (2018) destacam que, embora o conceito não seja recente, sua atuação tornou-se mais intensa no campo da comunicação em decorrência da democratização proporcionada pela internet. Todavia, tal liberdade de circulação também

favoreceu a proliferação de conteúdos desvinculados de critérios mínimos de veracidade, autoria ou relevância, como observam Spinelli e Santos (2019), ao apontarem que os usuários frequentemente compartilham informações sem sentido, autoria ou importância. Frente a esse cenário, o enfrentamento dessa problemática exige estratégias articuladas que combinem regulação tecnológica e políticas educacionais. Para Brisola e Bezerra (2018), a resposta mais eficaz está na formulação de políticas públicas que invistam na formação crítica da população no que diz respeito ao uso e interpretação da informação, com o objetivo de formar sujeitos informacionais capazes de resistir à manipulação e compreender criticamente o conteúdo a que são expostos.

A compreensão do fenômeno da desinformação exige uma análise aprofundada do ambiente informacional em que ele se insere e se expande. Podendo identificar uma crise cultural, marcada pelo rompimento com valores como a ética, a verdade e os fatos. Trata-se também de uma crise identitária, em que os indivíduos, submersos em um fluxo massivo e acrítico de informações, acabam absorvendo uma consciência hegemônica que enfraquece a memória e a identidade individual (Brisola; Bezerra, 2018).

Os mecanismos da desinformação são mais sofisticados que simples mentiras, configurando-se como um conjunto articulado de práticas que constroem realidades distorcidas e intencionalmente moldadas. Nesse processo, a informação é frequentemente descontextualizada, fragmentada, privada de sua historicidade ou apresentada de forma tendenciosa, confundindo o público ao manipular partes da verdade. Os meios de comunicação de massa atuam como instrumentos de reprodução ideológica, buscando legitimar os interesses das classes dominantes por meio da disseminação sistemática de narrativas manipuladas. Essa atuação compromete a qualidade da informação e contribui para a naturalização de valores hegemônicos (Silva; Zattar; Costa, 2022).

Então, a desinformação é tida como um fenômeno socialmente nocivo, com impactos diretos sobre a democracia, os processos políticos e as políticas públicas. O risco se intensifica diante da exploração econômica e ideológica da desinformação e da maneira como diferentes públicos a consomem e a replicam. Manifesta-se em múltiplos mecanismos que comprometem a qualidade da informação. Silva, Zattar e Costa (2022) destacam a subordinação aos interesses político-econômicos, dificuldade induzida ao usuário para compreender o contexto, a negligência ética, a superficialidade das notícias e

a manipulação silenciosa por meio da omissão de vozes e da banalização de temas críticos.

Conforme Brisola e Bezerra (2018) os indivíduos passam a consumir representações maniqueístas da realidade, empobrecidas em matizes, o que compromete a formação de um pensamento crítico. As informações são rapidamente descartadas por falta de elementos que revelem sua origem, implicações e significados, dificultando, assim, a consolidação do conhecimento e da consciência crítica. Nesse cenário, a linguagem torna-se elemento central, ao simular imparcialidade e distanciamento, enquanto carrega envolvimento e parcialidade. Serve, ainda, para invisibilizar conflitos de classe, gênero, etnia ou ideologia, promovendo rótulos que moldam percepções e induzem adesão a posições políticas predefinidas.

A distinção entre desinformação e *fake news* é relevante para compreender e combater cada um desses problemas de forma adequada. Segundo Allcott e Gentzkow (2017), *fake news* são conteúdos deliberadamente fabricados, com aparência de notícia jornalística, porém desconectados da verdade e produzidos com o intuito de enganar. O aspecto central dessa definição está no caráter intencionalmente e verificadamente falso. Apesar disso, o último tem sido usado de modo genérico, muitas vezes confundido com desinformação em geral, o que compromete a clareza analítica sobre o tema. As polarizações ideológicas criam um ambiente propício para a sua disseminação, já que cada lado, imerso em sentimentos negativos, tendendo a acreditar mais facilmente em informações errôneas.

A relação entre desinformação e ficção pode ser facilmente verificada ao fazer uma análise literária comparativa. Um exemplo notável dessa interseção é a obra *1984*, do escritor britânico George Orwell (1903-1950). Apresenta uma distopia marcada pela manipulação da verdade e pelo controle absoluto do governo sobre a informação. O enredo se desenvolve sob um regime onde a censura e a fabricação de notícias falsas são práticas constantes. Os detentores de poder, nesse contexto, representam o epicentro da desinformação. A obra, apesar de fictícia, antecipa fenômenos observados em governos reais. Como exemplificam Silva, Zattar e Costa (2022) em regimes, como os de Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, a desinformação passou a ser uma ferramenta política.

De acordo com Zattar (2020), dados em exagero desorientam a população e

comprometem ações públicas. Em resposta, alguns autores de obras fictícias buscaram conscientizar o público por meio da ficção, usando a literatura como ferramenta educativa diante do caos informacional. Assim, observa-se que a desinformação não é apenas uma prática política ou tecnológica contemporânea, mas um fenômeno que também se manifesta na cultura, na ficção e na história, exigindo constante vigilância crítica e alfabetização midiática (Silva; Zattar; Costa, 2022).

Alguns conceitos presentes no livro Fahrenheit 451

Desconstruir, desinformar, destruir, desiludir, desmontar, desinformar, desestimular. Todas essas palavras possuem em comum um prefixo *-des*, cujo intuito é ser o antônimo das palavras que as acompanham. Isso é corroborado por Cegalla (2008, p. 110) que explica que *-des*, *-dis* equivalem a negação, ação contrária, separação, afastamento e cujos prefixos são oriundos do latim

Fahrenheit 451 é uma obra de 1953, escrita por Ray Bradbury, que como destaca Berchez, Barros e Lima (2024, p. 3):

> "integra um conjunto de obras contemporâneas que apresentam lugares ruins e operam com a pior das hipóteses: a literatura distópica. Dentre seus traços, destaca-se a expressão de perspectivas radicalizadas sobre práticas político-sociais concretas e problemáticas".

Acerca do conceito distopia, os autores trazem a explicação de que o termo é originário do inglês, improvisado por John Stuart Mill, em 1868, em um debate parlamentarista, em uma sequência cujo resgaste segue a seguinte lógica: *dys* – do grego *dus* – para ruim, anormal, débil e junta-se a *topia* – do grego *topos* – lugar, formando-se assim a definição *lugar ruim* (ibidem). A definição encaixa-se perfeitamente com a apresentada acima sobre o prefixo – *des/dis*, pois gramaticalmente se interliga com a definição latina apresentada por Cegalla (2008).

Berchez, Barros e Lima (2024, p. 2) explicam que "o número "451" refere-se aos graus de temperatura em escala Fahrenheit em que o papel pega fogo" e que a "[...] informação que nos conduz a seu argumento central: a queima de livros, metáfora para supressão do pensamento livre".

Voltando-se para a obra literária de Ray Bradbury, Roas (2014, p. 85) explica que a realidade virtual, os entornos digitais e holográficos, bem como o hipertexto, multiplicaram

os níveis ficcionais de realidade, ao mesmo tempo em que questionam a veracidade de nossas percepções e intensificam a dificuldade de distinguir realidade e ficção. Além disso, o autor explica que "[...] a imagem é utilizada como suplante e duplicação para criar (por meios informáticos) um mundo falsificado e imaterial, uma ideia ligada, além disso, à obsessão pós-moderna pelo simulacro" (Roas, 2014, p. 86).

Depreende-se dessa forma, que a obra escrita por Bradbury vai muito além de um enredo comum. Em uma obra futurística, na qual os livros são vistos como os inimigos do bem estar do cidadão, em que, como escrito por Manuel da Costa Pinto no prefácio da obra, os bombeiros de Bradbury são "agentes da higiene", que queimam livros para "[...] evitar que suas quimeras perturbem o sono dos cidadãos honestos, cujas inquietações são cotidianamente sufocadas por doses maciças de comprimidos narcotizantes e pela onipresença da televisão" (2012, p. 8) e que qualquer coincidência com a contemporânea é fruto do acaso (ou não).

Fahreinheit 451: a obra e o diálogo com a desinformação e o que a retroalimenta

A edição aqui trabalhada é de 2012, publicada pela editora carioca Biblioteca Azul, com um Prefácio de Manoel da Costa Pinto, que nos apresenta o que virá no enredo, optando-se pelos trechos da obra em português, para facilitar a leitura e acessibilidade. Escrita em 1953, ela retrata uma cidade nos Estados Unidos da América (EUA), mesclada por progresso da indústria e ao mesmo tempo um perímetro urbano decadente, deteriorado. Com casas a prova de combustão e onde agora ao invés de apagar incêndios, os bombeiros os causam.

O ato de ler é crime, uma sociedade arraigada em policiamento, o indivíduo não é mais pensante e serve somente aos interesses do Estado e a transformação do personagem principal, Guy Montag, um bombeiro que passa a se questionar o que fascinava as pessoas diante das páginas impressas dos livros e que se torna amigo de Clarisse McClellan, que faz com que ele se entusiasme por coisas simples e espontâneas e casado com Mildred, que basicamente vive a base de pílulas para enfrentar a realidade. A única leitura realizada é a do roteiro dos programas que passariam em dado dia na televisão.

Além destes, tem-se Faber, um professor que inicialmente era um investigado por insubordinação e que passa a ser próximo de Montag, Beatty, o queimador-chefe do corpo

de bombeiros. Personagens que interagem com o bombeiro, que estão ali presentes no cotidiano dele. Acompanhar as mudanças ocasionadas no bombeiro que até então só seguia o proposto e que por fim se transforma grandemente pela relação com o espontâneo, com o questionar, que começa com a amizade da jovem Clarisse, é um processo intrigante, questionador e sobretudo, reflexivo.

Fahrenheit 451 é uma obra atual há 72 anos. Ao retratar uma cidade onde o ato de questionar e o prazer de ler são considerados contra a lei, vê-se os perigos do totalitarismo e principalmente, das brechas para a ausência de pensamento crítico.

Logo no prefácio da obra, no exato primeiro parágrafo, há a menção a queima de livros em 10 de maio de 1933 realizada pelos nazistas. O site DW Brasil em uma reportagem de 2015, explica que a data marca o auge da perseguição de Hitler aos intelectuais, em toda a Alemanha, nas cidades universitárias montanhas de livros e cinzas se acumulavam em praças, cujo objetivo do então *führer* era realizar uma limpeza da literatura e "[...] tudo o que fosse crítico ou desviasse dos padrões impostos pelo regime nazista foi destruído. Centenas de milhares de livros foram queimados no auge de uma campanha iniciada pelo diretório nacional de estudantes" (DW Brasil, 2015).

Clarisse, em um diálogo com Montag, traz uma fala que convida o leitor a observar um pouco, como se dava a educação. Montag pergunta porque ela não estava na escola e ela responde que lá ninguém sentia falta dela, que a consideravam antissocial, e reflete sobre o conceito de ser sociável:

> "Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos. Isso para mim não é nada social". (Bradbury, 2012, p. 34).

A jovem, de acordo com Montag, falaria como uma velha e ela concorda dizendo que "as vezes se sente velha", que tem medo das crianças da idade dela e completa "eles se matam entre si" (Bradbury, 2012, p. 35). A fala de Clarisse faz pensar sobre a concepção de infância, adolescência, fazendo o leitor se indagar sobre como será a juventude em uma sociedade sem criticidade alguma e sem nenhuma reflexão sobre nada.

Em um dia em que Guy Montag fica doente e o capitão Beatty vai visitá-lo, Beatty

conversa com ele sobre como as mudanças foram acontecendo no século XIX, depois no século XX, como as reduções foram acontecendo e algo a se notar é na fala do capitão acerca das mudanças na escola, no estilo de vida, no trabalho:

> "A escolaridade é abreviada, a disciplina relaxada, as filosofias, as histórias e as línguas são abolidas, gramática e ortografia pouco a pouco negligenciadas, e, por fim, quase totalmente ignoradas. A vida é imediata, o emprego é que conta, o prazer está por toda parte depois do trabalho. Por que aprender alguma coisa além de apertar botões, acionar interruptores, ajustar parafusos e porcas?" (Bradbury, 2012, p. 55).

O que mais chama a atenção na fala de Beatty é exatamente a abolição de filosofia e história, disciplinas que possuem o objetivo de refletir sobre a existência humana e sua trajetória, personagens presentes, fatos, discursos e seus impactos. O diálogo entre Beatty e Montag expõe ainda mais sobre o que levou aquela sociedade a criminalizar a leitura. Beatty fala que "os livros eram louça de água suja" se referindo aos críticos como "malditos" e "esnobes" e que "não admira que parassem de ser vendidos", além disso fala que tudo aconteceu sem "nenhum decreto de governo, nenhuma censura como ponto de partida" e que "a tecnologia e a exploração das massas e a pressão das minorias realizaram a façanha" (Bradbury, 2012, p. 57). Com isso percebe-se como a sociedade foi transicionando pouco a pouco para uma sociedade que não lê e aponta a relação da tecnologia com isso.

Beatty continua a conversa e mais ainda chama a atenção para se refletir a respeito: "[...] nossa civilização é tão vasta que não podemos permitir que nossas minorias sejam transtornadas e agitadas" (Bradbury, 2012, p. 58). Por fim, o queimador-chefe fala sobre o que acontecera com Clarisse, sobre a investigação da família da jovem e sobre seu falecimento e diz que isso foi o melhor para ela. A fala de Beatty é carregada de uma tensão e ao mesmo um torpor, é possível perceber como Montag fica nervoso ao ouvi-lo. Tudo o que se diz ali, faz com que se pense sobre como passado, presente e futuro se relacionam e como o impacto sobre dadas decisões pesam. O lugar em que Guy Montag vive é um lugar sem perguntas, sem espontaneidade e o entretenimento funciona como uma droga para não se encarar a realidade.

Camarani (2014) explica a abordagem do fantástico que o espanhol David Roas conceitua, partindo da centralização de quatro conceitos: realidade, impossível, medo e

linguagem. E explica que se

> trata da relação do fantástico com o real, ou seja, da relação do possível com o impossível na obra artística; dos limites do fantástico, isto é, de formas próximas como o maravilhoso, o realismo mágico ou o grotesco; de seus efeitos emocionais e psicológicos no receptor; e da transgressão relacionada à linguagem que deve expressar aquilo que, por definição, seria inexprimível. Considera o fantástico como uma categoria estética multidisciplinar, abrangendo literatura, cinema, teatro, vídeo games. (Camarani, 2014, p. 165)

A explicação de Camarani (2014) e os conceitos centrais de David Roas sobre a relação do fantástico se encaixa perfeitamente na obra de Bradbury, pois é possível encontrar o medo e a linguagem e percebendo isso na realidade, Kakutani (2018, p. 50) que abordou em seu livro sobre a primeira gestão de Donald Trump aponta que este:

> compreendeu instintivamente que esse novo cenário governado pela internet e a crescente ignorância de alguns eleitores tornavam mais fácil do que nunca influenciar seus medos e ressentimentos ao promover narrativas virais e convincentes que servem de base para realidades alternativas. Trump também aumentou seus esforços para desacreditar o jornalismo, taxar matérias como *fake news* e atacar os repórteres, classificando-os de "inimigos do povo".

O que a autora diz sobre a relação de influência do medo e ressentimentos e as influências causadas pelas narrativas virais e base para realidades alternativas corroboram o dito pelo capitão Beatty a Montag quando este lhe diz que filosofia e sociologia são um "terreno movediço" e ainda menciona sobre "tudo o que tem a ver com reflexo condicionado" (Bradbury, 2012, p. 60) e faz pensar sobre como o que acontece com o cenário gerido pela internet.

Kakutani (2018, p. 58) ainda aborda sobre o quão rápida e insidiosamente "[...] pode usar a linguagem como arma para suprimir o pensamento crítico, inflamar a intolerância e sequestrar uma democracia". Ao mesmo tempo, em *Fahrenheit 451*, quando Montag procura o professor Faber para conversar sobre seus dilemas, Faber fala sobre sentir um covarde:

> "Eu vi o rumo que as coisas estavam tomando, muito tempo atrás. Eu não disse nada. Sou um dos inocentes que poderiam ter elevado a voz quando ninguém atentava para os "culpados", mas não falei e, com isso, eu mesmo me tornei um dos culpados. E quando finalmente montaram a estrutura para queimar os livros, usando os bombeiros, reclamei algumas vezes e desisti, pois não havia mais ninguém reclamando ou gritando junto comigo naquela época". (Bradbury, 2012, p. 75).

Em sua fala, Faber traz consigo uma dor, a dor de tentar lutar para que não houvesse a queima de livros. Faber se vê sem saber se há mais pessoas que tem o mesmo ponto de vista que ele se retrai, o que lhe causa dor por não poder ou não ter feito nada para mudar a realidade. O sentimento de impotência e solidão pairam nesta fala, o que com certeza é compartilhado por muitos nesta sociedade, em que somente temos aparência de estarmos conectados, mas muitas vezes o que temos é verdadeira solidão.

Por fim, deixa-se uma reflexão que corrobora com o apresentado em *Fahrenheit 451* em muitos momentos, como o que Montag lê o regimento do quartel, ao se perguntar sobre esquecer-se do mundo, o desconhecimento sobre a fome, a pobreza, sobre o ódio e não ter nenhuma resposta e tentando crer que suas respostas seriam encontradas nos livros e falando "ao menos poderiam nos impedir de cometer os mesmos erros malucos" (2012, p. 69), as mudanças sociais apresentadas na história, ao mesmo tempo a transformação do bombeiro, ao se enraivecer com a realidade que o cercava, as pessoas que partiram por causa dos livros e Faber reavivando com a mudança no protagonista, faz questionar: qual o futuro que virá? Eis a dúvida.

Considerações Finais

Chomsky (2013, p. 20) explica sobre falsificar a história, que a relação onde "[...] passar a impressão de que quando atacamos e destruímos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos" justifica teorias sustentadas no vazio. Com isso correlaciona-se a desinformação, que gera o pânico, gera o medo, por vezes o caos. Relembra-se aqui o 10 de maio de 1933, quando Hitler e os seus queimaram livros, com a justificativa de limpeza.

Assim como em *Fahrenheit 451*, vê-se essa mesma premissa, de que os livros deveriam faxinados e o ato de ler apagado da história. A informação, como explica Alves (2024) é poder e manipulá-la para fins que não sejam o conhecimento, mas espalham preconceitos, ódio, tirania, desigualdade e destruição, conferindo vantagens a alguns e desintegrando valores pode não parecer, em conta-gotas, pode ser devastador.

Rememora-se a pandemia de Covid-19, e como o discurso antivacina atingiu em cheio a população. Como explica a professora Marie Santini diretora do Laboratório de Estudos de Internet e Mídias Sociais (NetLab) da Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ), a pandemia promoveu um “grande encontro do negacionismo com a indústria da desinformação”.

Apesar da obra de Bradbury ser uma distopia, um lugar ruim, pensando na etimologia da palavra, a realidade da manipulação da informação e da ausência do dialógico, do didático e do diálogo, a realidade abordada pelo escritor está cada vez mais perto da sociedade do mundo real. Concorda-se com a fala do ministro Luiz Fux, quando este diz que a defesa da democracia, dos direitos humanos e o combate à desinformação é dever de todas as pessoas e que todos devem se envolver em um diálogo plural e responsável, como explicado em matéria de 2021, da Agência Nacional de Justiça, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Somente com o envolvimento da sociedade é possível fazer dela consciente e unida, valorizando sua pluralidade.

É possível notar muito do prospecto presente na distopia que se correlacionou neste trabalho a desinformação, as ações de Beatty, o medo e fuga de Mildred, Montag indo de agente cumpridor daquela sociedade a criminoso por quebrar o muro que o separava da realidade, o papel de Faber, os intelectuais que este conhece depois de fugir e como eles se organizam para manterem viva a história e sobrevivem. A reflexão trazida por Granger, um dos intelectuais que Guy encontra depois que sai da cidade (2012, p. 135, p. 140-141) convida a analisar a própria realidade e como o exterior afeta, como o ser humano renasce das cinzas, como cita Granger e como a informação e o diálogo se insere e mais do que nunca, e como bem traz Alves (2024), como assistimos as mazelas provocadas pela desinformação.

Referências

ALLCOTT, H.; GENTZHOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, 31(2), 211-236, 2017.

ALVES, J.C. A desinformação é o maior risco global: Como lidar com ela? **Nexo Jornal**, Publicado em 18 jan. 2024. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/como-lidar-com- desinformacao-risco-global. Acesso em 09 maio. 2025.

BANDEIRA R. Desinformação coloca em risco a liberdade de expressão. **Agência Conselho Nacional de Justiça**. Publicado em 24 nov. 2021. Disponível em: https://www.cnj.jus.br/desinformacao-coloca-em-risco-a-democracia-e-a-liberdade-de-expressao/. Acesso em 09 maio. 2025.

BERCHEZ, A.; BARROS, C.V.C de; LIMA, W.F. Fahrenheit 451 e o suicídio do afeto e do intelecto. **PRACS**: **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. v.16, n.2, p. 1-26. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/pracs/article/view/135. Acesso em 09 maio. 2025.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. Tradução de Cid Knipel. E-Pub. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012.

BRASIL. **Lei n° 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas. [s.l.], 2011. Disponível em: https://www.gov.br/aeb/pt-br/acesso-a-informacao/lei-de-acesso-a-informacao#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.527/2011,4%20de%20dezembro%20de% 202020. Acesso em: 08 maio 2025

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e Circulação de *Fake News*: distinções, diagnóstico e reação. **Anais...** XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Londrina, 2018. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124659. Acesso em: 08 maio 2025.

CAMARANI, A.L.S. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, Coleção Letras n.9, p. 165.

CARVALHO, I.; TEIXEIRA, G. A. P. B. Letramentos e multiletramentos: navegando entre a informação e as fakes news. *In*: PÔRTO JR, G.; ANDRADE, L. A. B.; SOUZA, D. de M. **Ensino, comunicação e desinformação**. v. 2. Palmas: Observatório Edições, 2024. p.57-81.

CEGALLA, D.P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. Tradução de Fernando Santos. E-Pub. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

DW BRASIL. **1933: Grande queima de livros pelos nazistas**. Publicado em 10 maio 2015, atualizado em 10 maio. 2023. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/1933-grande-queima- de-livros-pelos-nazistas/a-834005. Acesso em 09 maio. 2025.

ESCOBAR, H. Desinformação científica: uma pandemia de mentiras. **Jornal da USP**. Publicado em 11 ago. 2023 e atualizado em 13 nov. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/desinformacao-cientifica-uma-pandemia-de-mentiras/. Acesso em 09 maio. 2025.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. E-Pub. Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018, 1.ed.

ORWELL, G. **1984**. Cotia: Pandorga, 2021.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. São Paulo: UNESP, 2014.

SILVA, B. C da; ZATTAR, M; COSTA, R. S. **A desinformação através de obras de ficção**. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2022. 54p.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J.A. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, 2019, p. 45-61. Disponível em: https://doi.org/10.22409/rmc.v13i3.38112.

SOUZA, J. S. de; SILVA, M. M. e; BRAZ, R. M. M. A era da desinformação e a importância da oferta de educação midiática para pessoas idosas. *In*: PÔRTO JR, G.; ANDRADE, L. A. B.; SOUZA, D. de M. **Ensino, comunicação e desinformação**. v.2. Palmas: Observatório Edições, 2024. p.17-56.

VOLKOFF, V. **Pequena história da desinformação:** do cavalo de Tróia à internet. Curitiba: Ed. Vila do Príncipe, 2004.

WARDLE, C. **"Fake News. It's Complicated."**. First Draft News, 2017. Disponível em: https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/. Acesso em 08 maio. 2025

ZATTAR, M. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de covid- 2019. **Liinc em Revista**, v.16, n.2, 2020. DOI: https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5391. Acesso em: 08 maio. 2025.